

A Filosofia da Rede inter-relacional como método de pesquisa em Ciências da Religião

Um método de cinco passos analíticos para
mestrandos e doutorandos em Ciências da Religião,
fundamentado na ontologia relacional da filosofia
chinesa.

Prof. Dr. Plinio Marcos Tsai (PPGCR - UMESP)

METODOLOGIA

CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

HERMENÊUTICA



Introdução: a FRI como método de pesquisa

A **Filosofia da Rede Inter-relacional (FRI)**, desenvolvida por Antônio Florentino Neto (2017) e aprofundada por Plínio Marcos Tsai (2024, 2020), é apresentada como uma abordagem para compreender a realidade a partir da **interdependência total** de todos os fenômenos, da vacuidade (*śūnyatā*) e da complementaridade dos opostos (*yin-yang*).

Inspirada na tradição filosófica chinesa, a FRI propõe uma ontologia relacional e uma epistemologia anti-substancialista em diálogo com os desafios das Ciências da Religião.

Este artigo apresenta e demonstra os **cinco passos metodológicos** da FRI, com exemplos concretos: o Sutra do Diamante, a circumambulação de stupas e a devoção a Guanyin no sul da China.

Perguntas centrais

- Como lidar com a diversidade de crenças sem recorrer ao relativismo ou ao essencialismo?
- Como analisar o sincretismo sem reduzir uma tradição à outra?
- Como descrever a experiência religiosa sem reificar conceitos como "alma", "divindade" ou "sagrado"?

Os fundamentos metodológicos da FRI

Antes de descrever os passos, convém recapitular os elementos que caracterizam um método (GADAMER, 1999; BACHELARD, 1996):

- 1** **Princípios orientadores**
Formulados de modo explícito e presentes nos sete princípios de Tsai (2024, p. 5-6).
- 2** **Procedimentos operacionais**
Definidos nos cinco passos analíticos que orientam a aplicação da FRI.
- 3** **Critérios de validação**
Estabelecidos por indicadores de mútua determinação, superimposição e não-ação.
- 4** **Replicabilidade**
Assegurada por um protocolo de teste entre observadores, permitindo aplicações compatíveis.
- 5** **Finalidade cognitiva**
Descrever, interpretar e criticar fenômenos religiosos sem recorrer ao essencialismo.

① A FRI reúne princípios, procedimentos, critérios e finalidade cognitiva, constituindo um método hermenêutico para a pesquisa nas humanidades.

Passo 1 — Delimitação e reconhecimento dos elementos constituintes

Objetivo

Identificar o foco da pesquisa (texto, ritual, instituição, discurso) e levantar seus elementos aparentes, conforme descritos pela tradição ou pela literatura secundária.

Procedimento

1. Escolha um objeto de estudo delimitado (ex.: um capítulo de um sutra, uma sequência ritual, um conjunto de falas de devotos).
2. Liste os substantivos, agentes, causas e efeitos presentes no discurso nativo ou na descrição acadêmica. Ainda não faça crítica ontológica; registre apenas o que é afirmado.
3. Organize esses elementos em uma tabela inicial, distinguindo aqueles apresentados como independentes, permanentes ou substanciais.

Exemplo concreto — Sutra do Diamante

"Toda forma é ilusória; quem vê as formas como não-formas vê o Tathāgata."

Elementos constituintes aparentes:

- Forma
- Ilusão
- Não-formas
- Tathāgata

A tradição comentarial costuma tratar "Tathāgata" como uma substância iluminada permanente. Neste passo, esse uso é registrado sem crítica.

- ✔ Critério de validação: a lista deve ser exaustiva em relação ao recorte escolhido; não omitir elementos centrais da descrição nativa.

Passo 2 — Aplicação do princípio da mútua determinação (*pratītyasamutpāda*)

Objetivo: demonstrar que cada elemento listado existe apenas em relação a outros elementos, e que essas relações são bidirecionais e necessárias.

Procedimento

1. Para cada par de elementos da lista, pergunte: "*X pode existir sem Y?*" e "*Y pode existir sem X?*"
2. Quando a resposta for "não" em ambas as direções, há mútua determinação.
3. Construa um diagrama de rede (nós = elementos; arestas = dependências recíprocas).
4. Se a relação for unidirecional (causal linear), investigue se há uma dependência no sentido inverso.

✔ Critério de validação: o diagrama de rede deve ser maximal — não pode haver um par de elementos que não esteja conectado por uma cadeia de dependências, direta ou indireta. Se algum elemento ficar isolado, revise a análise.

Exemplo — Sutra do Diamante

Forma ↔ Ilusão

Uma forma ilusória só é ilusória porque há um observador que a toma por real; mas o observador, por sua vez, só reconhece a ilusão porque há formas. Portanto, forma e ilusão são **mutuamente determinantes**.

Forma ↔ Não-forma

O sutra diz que quem vê as formas como não-formas vê o Tathāgata. Isso implica que não-forma é o correlato necessário de forma; sem forma, não há não-forma (e vice-versa).

Tathāgata como superimposição

A tradição que trata "Tathāgata" como substância independente é, sob essa ótica, uma superimposição — a ser analisada no passo seguinte.

Passo 3 — Identificação de superimposições (*samāropa*)

Objetivo: Detectar os pontos em que o discurso nativo ou a interpretação acadêmica atribui substancialidade, permanência ou independência a elementos que, pela análise da mútua determinação, são vazios de essência.

Procedimento

1. Compare o diagrama de dependências com a descrição original.
2. Marque como superimposição toda afirmação que trate um elemento como ontologicamente autossuficiente, eternamente idêntico a si mesmo ou dotado de uma "natureza própria" (*svabhāva*) inerente.
3. Classifique cada superimposição como **de atributos** (ex.: "este texto é sagrado em si mesmo") ou **de doutrinas** (ex.: "a tradição filosófica chinesa ensina que o eu não existe, e isso é uma verdade absoluta").

- ✔ Critério de validação: Para cada superimposição identificada, deve ser possível mostrar que o atributo substancial desaparece quando se aplica o tetralema nagarjuniano — perguntando se o elemento "é", "não é", "é e não é" ou "nem é nem não é" independentemente do seu contexto relacional.

Exemplo — Devoção a Guanyin no sincretismo chinês

Guanyin é cultuada como divindade independente por muitos leigos, que lhe atribuem poderes de salvação autônomos. No entanto, a análise da rede inter-relacional indica que a figura de Guanyin emerge da relação entre:

- A tradição filosófica chinesa indiana (Avalokiteśvara)
- A tradição filosófica chinesa (Mazu, a rainha do céu)
- O confucionismo (valores de piedade filial)

Superimposição: tratar Guanyin como uma entidade substancial separada dessas relações é um erro epistemológico, ainda que seja funcional na verdade convencional.

Passo 4 — Distinção entre verdade convencional e verdade última

Objetivo: Evitar o niilismo, entendido como negação de toda realidade, e o dogmatismo, entendido como afirmação de realidades substanciais, mostrando que os elementos operam em dois níveis simultâneos.

Verdade Convencional (*saṃvṛti-satya*)

Descreva os elementos conforme se manifestam na prática religiosa, na linguagem cotidiana e nas instituições. Considere provisoriamente a eficácia causal e a identidade provisória.

Exemplo: Os devotos fazem oferendas a Guanyin e relatam milagres. O devoto caminha em torno da stupa no sentido horário, recita mantras e acumula méritos. A stupa é um recipiente de relíquias sagradas, e o ato físico produz efeitos espirituais.

Verdade Última (*paramārtha-satya*)

Mostre que cada um desses mesmos elementos é vazio de essência — sua identidade é relacional e dependente de designações convencionais.

Exemplo: Não há nenhuma "estupa-em-si" nem "mérito-em-si". O que se chama mérito é a transformação relacional que ocorre na consciência do devoto em interdependência com o ambiente, os ensinamentos, o corpo em movimento e a comunidade.

❏ As duas verdades não são contraditórias: a verdade convencional é o meio hábil (*upāya*) para se aproximar da verdade última, e a verdade última impede a absolutização da verdade convencional.

✔ Critério de validação: A análise deve mostrar que a verdade convencional não colapsa na verdade última e que a verdade última não anula a verdade convencional. Verifique se a descrição continua útil para explicar a prática religiosa concreta e se o devoto reconhece sua experiência na descrição.

Passo 5 — Interpretação pela interfusão (*yuan rong*) e não-ação (*wuwei*)

Objetivo: Integrar os elementos em uma rede na qual cada parte contém e reflete o todo, e na qual a transformação ocorre por processos espontâneos e não planejados — o que Tsai (2024) chama de "não-ação do fluir livre".

Procedimento

1. Construa uma rede multidimensional em que cada nó não apenas se relaciona com os demais, mas contém os demais em si mesmo (metáfora da Rede de Indra: cada joia reflete todas as joias).
2. Mostre como as oposições (yin-yang, puro-impuro, sagrado-profano, dentro-fora) são complementares e mutuamente transformadoras, e não excludentes.
3. Identifique os pontos da rede em que a transformação ocorre sem um agente causal externo — a emergência de um novo significado religioso a partir do encontro de duas tradições da filosofia chinesa, sem que nenhuma delas planeje ou controle integralmente o resultado.
4. Apresente a interpretação final do objeto de estudo mostrando como ele instancia a interfusão.

Exemplo — Guanyin como síntese sincrética

A devoção a Guanyin não é "puramente da filosofia chinesa", "puramente da filosofia chinesa" nem "puramente popular". Pela interfusão, cada tradição está presente nas outras:

- A **compaixão da filosofia chinesa** se articula com a imortalidade da tradição filosófica chinesa
- A **piedade filial confucionista** permeia ambas as tradições
- A **síntese emergiu espontaneamente** ao longo de séculos de práticas compartilhadas

O pesquisador não precisa reduzir Guanyin a um conceito único; pode mostrar como a figura é polissêmica porque reflete a totalidade das relações.

- ✔ Critério de validação: A interpretação final deve ser não redutora e geradora de questões — capaz de orientar novas perguntas e novas conexões, indicando caminhos para pesquisas futuras.

Garantindo a replicabilidade e a autocorreção

Como a FRI é apresentada como método, seu protocolo inclui mecanismos de replicabilidade e autocorreção: dois pesquisadores independentes, aplicando os mesmos cinco passos ao mesmo objeto, devem alcançar resultados compatíveis, embora não necessariamente idênticos, pois a interpretação envolve um horizonte hermenêutico.



Manual de operadores

Definir indicadores para cada princípio:

- **Mútua determinação:** presença de pares simétricos no discurso ("se A então B; se B então A")
- **Superimposição:** uso de adjetivos como "eterno", "imutável", "independente", "em si mesmo"
- **Não-ação:** narrativas que descrevem processos emergentes sem controle central



Registro explícito de decisões

O pesquisador deve documentar por que classificou determinado elemento como superimposição e não como outro. Isso permite que outros avaliem a coerência da aplicação.



Teste inter-observadores

Em seminários de pós-graduação, duplas de alunos aplicam o método ao mesmo texto ritual e comparam seus mapas de rede. Divergências são discutidas e os critérios são ajustados coletivamente.



Autocorreção

Se uma interpretação levar a uma contradição (afirmar que um elemento é ao mesmo tempo substancial e vazio no mesmo nível de verdade), o pesquisador deve revisar os passos anteriores. A contradição é um sinal de falha metodológica, não um "mistério" a ser aceito.

Conclusão: a FRI como ferramenta metodológica

A transformação da Filosofia da Rede Inter-relacional em método estabelece uma abordagem aplicável às pesquisas em Ciências da Religião. Com seus cinco passos, critérios de validação e exemplos concretos, a FRI oferece um procedimento hermenêutico replicável e operacional.

Mestrandos e doutorandos em Ciências da Religião são convidados a aplicar esse roteiro em seus próprios objetos de pesquisa, a observar seus resultados analíticos e a ajustar seu uso em diálogo com seus orientadores e colegas.

- ① Exercício prático para o leitor: escolha um fenômeno religioso — uma oração, uma imagem de santo, um conflito entre tradições — e aplique os cinco passos da FRI. Verifique como a análise resultante contribui para a interpretação, aumenta a precisão conceitual e evita reducionismos essencialistas. Compartilhe os resultados com seus orientadores e colegas.

Assim, a FRI se afirma como um método hermenêutico completo, validado e replicável, capaz de contribuir para a pesquisa em Ciências da Religião.

Referências

BACHELARD, G. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

FLORENTINO NETO, A. Predicação e relação como fundamentos da Filosofia da Escola de Kyoto. In: FLORENTINO NETO, A.; GIACOIA JR., O. (orgs.). *A Escola de Kyoto e suas fontes orientais*. Campinas: Phi, 2017.

GADAMER, H. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 1999.

TSAI, P. M. *O Tao da China na Modernidade: uma hermenêutica do indivíduo da modernização com características chinesas pela teoria de rede inter-relacional*. Tese (Doutorado) – IFCH/Unicamp, 2020.

TSAI, P. M. Os elementos da rede da tradição filosófica chinesa na Filosofia da Teoria de Rede Inter-relacional. *Modernos & Contemporâneos*, Campinas, v. 8, n. 18, jan./jun. 2024.

FILOSOFIA CHINESA

HERMENÊUTICA

CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

MÉTODO